

1.

No dia 25 de março aconteceu em São Petersburgo uma coisa das mais extraordinárias. O barbeiro Ivan Iakovlevitch, residente na Avenida Voznessenskii (o apelido dele perdeu-se e nem sequer figura na tabuleta da loja, que tem o desenho de um senhor de faces bem ensaboadas e os dizeres *Também se fazem sangrias*), o barbeiro Ivan Iakovlevitch, dizíamos, acordou bastante cedo e cheirou-lhe a pão quente. Soerguendo-se na cama, viu que a esposa, senhora de muito respeito e grande apreciadora de café, desenformava pães acabados de cozer.

Ivan Iakovlevitch disse:

— Hoje, Praskovia Ossipovna, não vou tomar café. Prefiro um pãozinho quente com cebola.

Na verdade, Ivan Iakovlevitch queria também o café, mas sabia que estava absolutamente fora de questão insistir nas duas coisas ao mesmo tempo, pois Praskovia Ossipovna não tolerava tais caprichos. “Come lá o teu pão, imbecil”, pensou a esposa, “é da maneira que fica mais café para mim”. E atirou um pãozinho para cima da mesa.

Por uma questão de decência, Ivan Iakovlevitch vestiu a casaca por cima da camisa de noite e, sentando-se à mesa, serviu-se de sal, descascou duas cebolas, pegou numa faca e, com um ar muito grave, pôs-se a cortar o pão. Ao abri-lo ao meio, olhou para o miolo e, para sua grande surpresa, viu uma coisa esbranquiçada. Com todo o cuidado, tocou-lhe com a faca e depois com o dedo. “É duro”, disse para si mesmo. “Que poderá ser?”

Escavou o pão com os dedos e tirou... um nariz!... E caíram-lhe os braços, sem vida; depois esfregou os olhos e começou a apalpar: é um nariz, não há dúvida, é um nariz! Ainda por cima, ao que parecia, um nariz que conhecia. O terror estampou-se-lhe no ros-

to. Mas esse terror, comparado com a indignação da esposa, não era nada. Colérica, ela invetivou-o aos berros:

— Onde é que cortaste esse nariz, animal? Sacripanta! Bêbado! Eu própria dou parte de ti à polícia. Bandido! Já três pessoas me vieram dizer que quando rapas a barba ao cliente lhe puxas pelo nariz com tanta força que quase o arrancas.

Mas Ivan Iakovlevitch estava morto de medo. Tinha reconhecido o nariz como só podendo ser o de Kovaliov, o assessor de colégio a quem fazia a barba todas as quartas e domingos.

— Espera, Praskovia Ossipovna! Vou embrulhá-lo num pano e pô-lo ali naquele canto, ele fica lá um bocadinho e depois levo-o daqui.

— Nem quero ouvir isso! Como se eu fosse consentir um nariz cortado em minha casa!... Velho jarreta! Já só sabe passar a navalha pela correia, não tarda nem do trabalho é capaz, vadio, miserável! Se calhar ainda querias que eu respondesse por ti na polícia!... Seu inútil! És estúpido como uma porta! Tira-me isso daqui! Leva-o para onde quiseres, eu que não volte a pôr-lhe os olhos em cima!

O desânimo de Ivan Iakovlevitch era total. Pensou, pensou... e não sabia o que pensar.

Por fim, disse, coçando-se atrás da orelha:

— Só o diabo sabe como aconteceu uma coisa destas. Se ontem cheguei a casa bêbado ou não, não posso dizer com certeza. Mas tudo leva a crer que isto não pode acontecer, é impossível, quer dizer, o pão é uma coisa que se põe a cozer no forno, mas um nariz não, é diferente, não tem nada a ver. Não percebo nada!...

Ivan Iakovlevitch calou-se. Pensar que os polícias o encontrassem com o nariz e o prendessem aterrorizava-o. Via-se já com a gola vermelha, com o seu lindo debrum a fio de prata, via já o sabre... e tremia dos pés à cabeça. Por fim, pegou nas calças e nas botas, vestiu-se e, acompanhado pelas imprecações de Praskovia Ossipovna, embrulhou o nariz num pano e saiu para a rua.

Queria metê-lo num buraco qualquer: dentro de um poial de madeira de um portal, ou deixá-lo cair disfarçadamente na rua e virar logo para a primeira ruela. Por azar, não parava de encontrar pessoas que o conheciam e que o importunavam com perguntas: “Onde vais?” ou “A casa de quem vais fazer a barba

tão cedo?” e Ivan Iakovlevitch não conseguia pôr em prática a sua ideia. Uma vez chegou a deixá-lo cair, mas um guarda, de longe, apontou-lho com a alabarda:

— Apanha isso, deixaste cair qualquer coisa!

E Ivan Iakovlevitch teve de apanhar o nariz e guardá-lo no bolso. Começava já a desesperar, pois havia cada vez mais gente na rua à medida que as lojas e as bancas iam abrindo.

Decidiu ir até à Ponte de Santo Isaac, onde, com sorte, poderia lançá-lo para o Neva... Mas, de certo modo, está a pesar-me o facto de, até este momento, não ter dito nada sobre Ivan Iakovlevitch, em muitos aspetos um homem respeitável.

Ivan Iakovlevitch, como qualquer artesão russo que se preza, era um bêbado incorrigível. E embora rapasse os queixos dos outros todos os dias da semana, o seu ostentava sempre os resquícios da falta de cuidado. A casaca de Ivan Iakovlevitch (pois Ivan Iakovlevitch nunca usou sobrecasaca) tinha tantas malhas como um cavalo ruão, ou seja, era de cor preta, mas toda às manchas castanhas e cinzentas; tinha a gola ensebada e, nos lugares dos três botões, pendiam apenas as linhas. Era um grande cínico este nosso Ivan Iakovlevitch, e